

Germinal



N.º 4 — ANO I
31 de Janeiro de 1915

«Nenhuma revolução pode fazer-se sem evolu-
ção prévia.» — ELISEU RECLUS.

Publica-se aos domingos

DIRECTOR, EMILIO COSTA. — PROPRIEDADE DO GRUPO GERMINAL. — EDITOR, MARIO COSTA.

(Declaração exigida pela lei de imprensa em vigor.)

Avulso 1 ct. (10 rs.) — Assinatura: trimestre, 15 cts. (150 rs.)

Comp. e imp. nas OFFICINAS GRAFICAS — Rua do Poço dos Negros, 81

Redacção e administração — Rua da Barroca, 51, 3.º — LISBOA

ENTENDIMENTO NECESSARIO

Passa hoje o 3.º anniversario da chamada greve geral de janeiro.

Vão passados três anos sobre esse facto, que pode ser considerado como o mais notavel acontecimento da vida social do proletariado, em Portugal. Ainda é cedo talvez, para se medir, com toda a exatidão, a influencia que a greve geral de janeiro exerceu na vida associativa operaria e nas lutas que o operariado tem de travar na reivindicação dos seus direitos. Mas pode-se afirmar, sem receio de errar, que essa influencia foi grande, que foi mesmo decisiva nestes três anos que se seguiram á greve, para todos os movimentos de propaganda, organização e luta que se tem tentado. E estamos convencidos de que essa influencia se prolongaria por muito mais tempo ainda, se não tivesse aparecido outro factor bem mais importante, a guerra europeia, a actuar em todas as classes e em todos os países.

Os efeitos da greve de janeiro, reforçados por outros factos que se lhe seguiram, foram, é incontestavel, desastrosos para a organização operaria, que com eles sofreu um rude golpe. Mas parece-nos que não poderia deixar de ser assim, atendendo á fraqueza da organização e sobretudo á orientação que, em muitos, presidia á acção, tudo reforçado por muitas ilusões e muitas confusões, filhas da revolução republicana que se fizera dois anos antes.

Veiu, como era natural, a fadiga, a desilusão, a desencanção, a duvida, produzindo um entorpecimento geral, o qual ninguem sabe por quanto tempo se prolongaria. Mas veiu agora a guerra europeia, que, como é natural tambem, tem pouco a pouco despertado e chamado para os pro-

blemas que ela comporta, a atenção dos militantes, o interesse pelos resultados da tremenda luta.

Discute-se, erra-se e acerta-se no que se diz, ha muita confusão e desacordos mais ou menos profundos nas ideias, mas ha calor, ha vida, isto é, nada está perdido.

A ajudar este despertar, estão os ultimos acontecimentos da politica interna, com repercussão na economia do paiz, dizendo ao operariado que se defenda porque ha perigos que o ameaçam.

Dentro de pouco tempo, de poucos mezes talvez, todas as questões internas e internacionais combinadas, produzirão em cada paiz, profundas modificações, com as quaes pode beneficiar ou prejudicar-se o operariado, conforme a acção que elle fôr capaz de desenvolver. Seja qual fôr o aspeto que em cada paiz a questão tomar, uma coisa é certa: o antagonismo entre os interesses burguezes e os do proletariado, por um lado e as ideias de reacção e de liberdade, por outro.

São estes dois aspetos da questão que se não devem perder de vista, o que é por vezes mais difficil do que parece. Que todos que são pela emancipação social dos oprimidos, se unam para a defesa ou conquista de regalias comuns. Sem que cada um ablique das suas ideias, da sua orientação e do seu objetivo, ha trabalhos a fazer em comum, uteis a todos e para os quais não serão demais todas as forças disponíveis.

Entendamo-nos se não queremos ser vencidos!

Pretende o Germinal viver dos seus proprios recursos e para isso ha de empregar os melhores esforços; mas, enquanto não o consegue, necessario é que os amigos e camaradas não lhe faltem com o seu auxilio moral e material.

Os anarquistas e a guerra europeia

Malatesta, em resposta a um amigo, (*Aurora* de 10 de janeiro) explica-se a proposito do seu desejo de derrota da Alemanha. Diz coisas verdadeiras *em principio*, mas não explica o caso especial de que se trata. Mais uma vez argumenta no espaço e parte de dados por ele estabelecidos mas sem demonstração. E' sempre o mesmo erro fundamental na discussão.

Diz ele: «Para fazer a revolução e sobretudo para proceder de modo que ela se não resuma em explosão de violencia sem resultado, são precisos revolucionarios; e se estes comecam a pôr de lado as suas ideias e os interesses bem especiaes que elas representam e se solidarisam com a causa das classes dominantes do seu país,» etc. E em seguida conclue é claro, logicamente, que mau serviço prestam esses revolucionarios á causa da revolução.

Mas ele parte dum principio que não demonstrou: é que se abandonam ideias proprias e se estabelece solidariedade com a causa das classes dominantes. Onde é que estão essas provas de abandono e de solidariedade? No procedimento daqueles que Malatesta combate? Mas isso não pode ser, pois que é isso mesmo que se discute; isso seria confundir o efeito com a causa. Pois se, como eu já disse, são todos a afirmar que a sua atitude não significa acôrdo com as ideias burguezas, as quaes nem agora tem deixado de combater, porque fala Malatesta em abandono de ideias e em solidariedade com a causa do adversario?

De modo que: ou Malatesta atribue aos outros intenções que eles não tem ou (o que creio) estabelece um principio verdadeiro, mas que para o caso de que se trata, só tem o valor de uma hypotese, a qual

para ter valor de applicação, precisava de corresponder ao facto, o que não se dá.

Todo o artigo de Malatesta gira em torna desta hipotese e mais nada. Tudo aquilo estava muito bem, *se tivesse havido* o tal abandono e a tal solidariedade; mas como não houve...

Outro erro comete ainda Malatesta, de que hei-de tratar noutro artigo, mas que deixo já anotado: é o de pôr no mesmo pé, os revolucionarios de todos os países, como que devendo todos proceder da mesma forma, sem se lembrar de que as circunstancia ou as condições não são as mesmas.

*

Na *Bataille Syndicaliste* de 8-12-914, Charles Malato responde ao artigo de Malatesta de que me ocupei no numero antecedente. Os periodos seguintes, que transcrevo do artigo de Malato, contribuem creio, para se ir conhecendo cada vez melhor a questão, *que é o fim principal que tenho vista*. E' necessario que isto se faça para que se não ouça só um sino a tocar. Os italicos são meus.

«Malatesta, que reúne, coisa rara, as qualidades de pensador ás de homem de acção, é um amigo de ha mais de vinte anos. Farei uso, no entanto, do direito de não ser completamente da sua opinião.

Até agora—*quantas vezes não o temos verificado juntos!*— toda a acção revolucionaria intelligente, complexa e de certa envergadura, tem-se paralisado, entre os socialistas, pelo torpor parlamentar, e entre os anarquistas por um doutrinarismo excessivo, originando, sob outra etiqueta, uma nova religião.

«O esquecimento dos principios! exclama Malatesta. Cer-

amente que importa ter uma maneira de proceder, que se chame moral ou princípios, em conformidade com as respectivas ideias.

Mas também é conveniente que esta moral corresponda às realidades e que se não reconstituam, sob o nome de «princípios», dogmas imutáveis».

«Malatesta tem incontestavelmente razão quando diz, em substância, que não se deve abandonar o ideal, o programa, nem fundirmo-nos com adversários que o que querem é estrangular-nos pela violência ou pela astúcia. Também tem razão quando diz que certas catástrofes: epidemia, invasão dos bárbaros, (cá a temos!) podem ocasionar uma aproximação dos indivíduos e das classes e acrescenta: com a condição dos privilegiados abandonarem os seus privilégios. Este abandono imediato, integral, ninguém o desejaria mais do que nós, que sabemos que na sociedade actual o proletário não tem que defender senão a esperança dum melhor futuro. Mas a par destes deserdados (que, ai de nós! nem sempre são os mais revolucionários) ha os que estão em parte, maior ou menor, emancipados, que tem, moral ou socialmente alguma coisa a perder com a brutalidade duma invasão ou a instauração dum regimen despotico. E então, porque ha deserdados em Atenas, deve-se deixar Xerxes esmagar a Grécia?»

Supressão de privilégios, para isso lutamos. Infelizmente não ha exemplo de revolução verdadeiramente social, que se tenha realizado em bloco, em cinco minutos!

«Malatesta, no seu artigo, não faz diferença entre a França e a Inglaterra dum lado e a Alemanha e a Austria do outro. Eu creio que isto é não só excessivo, mas que não corresponde ao seu pensamento intimo, pois temos abordado muitas vezes esta questão, nas nossas conversações».

«A França e a Inglaterra, sofram como a Alemanha e a Austria, o jugo capitalista, é incontestavel».

Em todo o caso, ha naquelas, garantias civis, maiores ou menores, correntes d'opinião publica, tradições e aspirações, em resumo, essa atmosfera moral necessaria para a conquista de novas liberdades, o que não existe nos dois imperios militares. Quando Malatesta proscrito, teve que procurar asilo no estrangeiro, foi á Inglaterra e não á Alemanha que ele o pediu. Quando ha três anos foi ameaçado de extradição, os seus amigos não julgaram «esquecer os seus principios» indo pedir o concurso dos burguezes liberaes e, graças á pressão da opinião publica inglesa, o ministerio desistiu, desmentindo assim, o estúpido «clichè» de que «todos os regimens valem o mesmo.» A maior parte das campanhas de

solidariedade, que desde ha desasete anos, se tem feito em França (vítimas de Montjuich, Alcalá del Val, Mano Negra, greves geraes de Barcelona, os dois processos Ferrer) foram também feitas em Inglaterra; nenhuma (o italico é de Malato) o foi na Alemanha ou na Austria».

«Onde eu estou plenamente dacordo com Malatesta. é quando ele exorta os revolucionarios a não se enfeudarem aos seus adversarios sociaes. Perfeitamente!»

E tanto em França como na Italia; defendamo-nos dos «virar de casaca» que envilecem! Mas treguas não querem dizer fusão nem renega do ideal».

Os revolucionarios de 70, combateram as hordas de Guilhaume I, o que não os impediu de proclamarem a Comuna!»

A transcrição foi larga, mas com isso só ganhou o leitor.

E' assim que fala Malato, um dos que mais longe levaram a attitude que Malatesta e outros combatem.

Esta attitude de Malato, como de resto a de Kropotkine, é perfeitamente logica com o seu passado. Mas só agora é que lhes chamam *ex-anarquistas*. Coisas da logica rectilinea e da coherencia sem mancha.

(Continúa). Emilio Costa.

Lorenzo e a guerra

Anselmo Lorenzo, o velho anarquista espanhol recentemente falecido, publicou em 1886, na revista *Acracia*, de Barcelona, um artigo com o titulo *A guerra e civilização*, que mais tarde, em fevereiro de 1904, foi reproduzido na revista *Natura*, da mesma cidade, onde o encontramos. Dêsse artigo pareceu-nos interessante trasladar para aqui, os periodos iniciais e os periodos finais. Leiam-nos e digam se do seu autor se pode escrever, como fez C. Litran em *El Motin*, que «a sua dor subiu de ponto e acaso lhe precipitou a morte ao ver que Kropotkine, o homem a quem tanto admirava, também tomava posição entre os que, embora abominando-a, consideram a guerra como uma triste necessidade para acabar com o imperialismo germanico, absorvente e provocador».

Ei-los:

A historia demonstra que nunca se abandonou um erro e se aceitou uma verdade pacificamente, nem tampouco esta se conservou sem a protecção da força; e se esta afirmação se acha comprovada pelo estudo da vida da humanidade, se todos os povos sem distincção de cultura, religião ou regimen a tem evidenciado, ha de reconhecer-se a sua indiscutivel verdade.

Os filantropos que sonham a paz universal, assim como os utopistas que confiam no exclusivo poder da ideia, vivem, pois, fora da realidade da vida; e o seu trabalho por mais que reconheçamos a sua boa fé, é pernicioso, pois que só produz a prolongação da injustiça se á forte, e o desconhecimento da justiça se é debil.

Se ha uma lei permanente

na historia, é esta: toda a ideia se estabelece pela imposição e não pela persuasão...

... E' evidente que a paz é uma aspiração, um ideal, que se algum dia chega a realizar-se, será unicamente quando a Sociologia haja dito a sua ultima palavra com respeito á teoria da sociedade, e quando a Revolução haja cumprido a sua missão de impô-la á pratica. E uma vez mais, — acaso a ultima, se bem que não nos atrevamos a futurá-lo — a força será servidora do direito, e direito e força serão uma mesma coisa, com duas faces distintas, porque o antagonismo que os separava terá desaparecido na unidade da justiça.

Disse Guizot: — «O direito não é nada, quando não se conta com a força para o fazer prevalecer». Tão tremendas palavras, que parecem inspiradas pelo cinismo de um salteador de estrada, encerram uma solemne lição, e se os socialistas a olvidarem cairão num ridiculo quixotismo.

E' necessario definir o direito; não é menos necessario, porém, cada um armar-se e organizá-lo, se convier. O contrario é calcar o direito, sob a inspiração de miseravel fraqueza. A injustiça cometida pacificamente, extendendo-se por todos os ambitos da terra e prolongando-se através das gerações é um mal infinitamente maior do que um campo semeado de cadaveres e uma cidade em ruinas: a primeira é o mal vivendo sujeito a metodo e sistema e sem fim provavel; o segundo é a tempestade, a cujo fragor treme a natureza e que depois exerce salutar e benéfica influencia. Victor Hugo, lutando como homem de imaginação, com opositos sentimentos, exclamou um dia: — «Des-honremos a guerra!» Mas depois, compreendendo o seu erro, escreveu: — «Não se coloca a paz por sob a fraternidade; a paz é o seu resultado: não se decreta a paz, como não se decreta a Aurora.»

Em resumo: Se o pensamento indicou a via que o progresso tinha de seguir, a guerra limpou o caminho, arrancando interesses e preocupações; e o até agora sucedido irá sucedendo enquanto a sociedade não encontrar bases perfeitadas em que assente.

A guerra é, pois, um auxiliar do pensamento, e condená-la em absoluto é ao mesmo tempo anular o pensamento e renunciar ao progresso.

Anselmo Lorenzo

O exemplo

Palavras de Elie Reclus:

«Podemos fazer ou provocar o bem pela palavra ou pela escrita. Mas nada ha que valha o exemplo pessoal dado pelo mais humilde de nós no mais humilde lugar.»

NOTAS LIGEIRAS

Conta-se que em certos meios anarquistas da vizinha Espanha já foram queimados em effigie, ou pouco menos, anarquistas como Kropotkine, pelas suas opiniões sobre a conflagração europeia. Em Portugal ainda não se chegou a tanto. Mas de cá se vai a lá. Pretendem alguns libertarios que outros libertarios tomem novo rotulo, para bem se diferenciarem d'elles; e, ao mesmo tempo, á espera do dia do supplicio, vão-lhes preparando as carochas em que já levam pintada a palavra «intervencionista». Os inquisidores da fé anarquista!

Muitos anti-militaristas pronunciam-se contra a guerra, por forma que nos deixam na duvida de se manteriam a mesma attitude, caso a França estivesse fóra da baralha ou a Alemanha mais perto da victoria.

Aos anarquistas que sustentam que a guerra actual não é da reacção contra a liberdade, pede-se que expliquem o facto de serem por um dos contendores os reaccionarios e serem pelo outro contendor os liberaes, e elles respondem: — «Isso é o ponto de vista democratico. Mas ha tambem o ponto de vista social-revolucionario». Ah! como esses anarquistas se parecem com o outro que, perguntando-se-lhe o que é uma cadeira, respondia: vai ali a passar um trem!

Tomando á letra o conselho de Blanqui, certos jovens mostram-se resolvidos a fazer orelhas moucas ás palavras dos velhos, que lhes contrariam as aspirações. Rapaziadas! Se ha tal que se deixou seduzir pelo paradoxo aliás brilhante, de que em materia de educação anda tudo ás avessas, porque os novos é que devem ensinar os velhos! Pois, meninos, ha aspirações e aspirações. Sonhasse o Blanqui que havia moços que aspiravam a viver na Lua, e elle lhas cantaria!

Paz! Paz! Mas isso não importa a submissão áquela casta guerreira com que se declarou integrada a «kultur»? Isso não importa a capitulação ante o kaiser? Não terá razão Jean Grave quando escreve: — «Emquanto o imperialismo alemão estiver de pé, ele será uma ameaça contra o pensamento humano, o aniquilamento de toda a esperança de libertação. Teria sido uma insentatez entrar a defesa, uma cobardia cruzar os braços. O imperialismo e o militarismo prussiano devem ser esmagados. Não se pode tratar da paz, enquanto elles não foram aniquilados?»

Sob o ponto de vista operario e anarquista... E' com esta invocação de perfume religioso que usam agora falar ou escrever alguns avançados. O ponto de vista anarquista! Qual, se a maior parte dos anarquistas andam ás aranhas e nem os melhores logram entender-se? O ponto de vista operario! Qual? Será o da União dos Operarios Metalurgicos, com 500.000 filiaes, o da União dos Operarios da Construção Civil, com 300.000, o da União dos Operarios de Transportes, com 200.000, todas alemãs, manifestando o seu incondicional apoio ao kaiser, mais á «alta justiça da causa alemã»? E' caso para fazermos votos por que tais avançados, no que hajam de dizer-nos, se confinem no seu proprio ponto de vista.

Revolucionarios anti-guerristas, como a si mesmos se chamam, disputando com os guerristas, como elles dizem, comparam a actual guerra a uma cegada politico-eleitoral. Pois, apesar disso, os tais guerristas não deixam de afirmar que entre os anti-guerristas ha criaturas inteligentes.

Qualquer.

Dicionário subversivo

A

(Continuação)

ADESÃO — Qualidade indispensável, em certas épocas, para arranjar empregos ou não perder os que já se possuem. (Juan Rico).

ADMINISTRAÇÃO DAS COISAS — Eufemismo sob o qual os socialistas-colectivistas pretendem conservar o sistema estatista ou seja estabelecer o governo da sua republica.

ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA — Devia ser a «gerencia dos interesses colectivos da sociedade, e é geringonça que ninguém comprehende — nem governantes, nem governados; labirinto de ordens e contra-ordens, decretos que estabelecem e decretos que derogam, disposições que criam uma coisa e circulares que a destroem em seguida». Não falando no seu lado economico...

ADVOCACIA — Mentira social: é a compra da sciencia de um homem para inventar argumentos e raciocínios falsos, a fim de que o esperto, o intrujão, o malandrim vença o honesto. (Adolfo Lima).

AGIOTAGEM — Especie de polvo que, quando consegue lançar os tentáculos ás suas victimas, só as larga depois de lhes ter chupado a ultima gota de sangue. Dois terços da população de Lisboa agonizam entre as suas prezas.

AGITADOR — O prologo da batalha. Exercita-o o individuo ou a associação — pela palavra, pela imprensa, pela resistencia energica, pela acção decisiva contra todos os obstaculos.

AGITADORES — Nome depreciativo com que alguns teem baptisado os homens de confiança da classe operaria. Em má hora, porém. No dizer de alguém, a miséria é a grande «agitadora»; e como ela é um produto do nosso regimen social, os defensores dêste veem a ser os verdadeiros «agitadores».

ALCOOLISMO — A grande po-dridão das sociedades modernas. (Miguel Bombarda).

ALTRUISMO — Viver cada um para os outros, descuidando o bem proprio? Hun! Bem dizem os individualistas: o altruismo é um mito; não existe.

AMISÁDE — Afeição reciproca entre dois individuos? Qual! Cerceamento maior ou menor da propria liberdade. Por isso o Suvarine do *Germinal* usava a fórmula: — nem amigo, nem mulher!

AMNISTIA — Generosidade fingida de politicos depositarios da soberania, para com outros politicos, se estes não teem forças para lutar, nem as podem ganhar.

Nn.

(Continua)

A PROPOSITO DA GUERRA

Um apêlo alemão — A falencia do socialismo — De um trincheira

O *comité* da «Liga Alemã Humanitaria», lançou, por occasião do ano novo, o seguinte apêlo aos socialistas da Europa e da America:

«Caros camaradas:

Na vespera do novo ano, que vae começar em presença de crimes odiosos e desumanos, sem precedentes mesmo nos annos dos massacres perpetrados pelos infames cúmplices da nossa nação em Constantinopla, apêlamos para os nossos irmãos do continente europeu e dos Estados Unidos da America, para que não se abriguem por detraz do guarda-vento da neutralidade.

Nós estamos frente a frente com os inimigos da humanidade. A nação alemã, lançada para uma guerra criminosa pelo kaiser e pela sua côrte militar, iludida por homens de Estado perjuros ao Reichstag e por falsas informações, espalhadas em todo o Imperio afim de enganar os nossos compatriotas, precipitou-se ás cegas, loucamente, contra forças que, sustentadas por considerações morais indiscutíveis, não manifestam fraqueza alguma na sua determinação de expulsar da Belgica, tropas que teem inundado este país de sangue e maltratado de maneira irreparavel, uma nação inocente que os nossos dirigentes tinham jurado proteger.

Pedimo-vos que vos lembreis de que nenhum Estado alemão foi ameaçado no seu territorio pelos aliados, que estão defendendo legitimamente e com honra, os plenos direitos dos belgas tão cruelmente tratados.

Camaradas trabalhadores:

Podeis vós permanecer por mais tempo inactivos e silenciosos perante estes inauditos crimes? Ficareis sempre mudos perante essas scenas atrozes de carnificinas de que as Flandres, o Brabante, a Alsacia, a Lorena, são teatro? Não vêdes que com estas mutilações e estes massacres de vitimas inocentes: velhos inermes, mulheres, crianças de peito, o kaiser cobriu a nossa nação duma vergonha inapagavel e que o fructo da guerra consiste no sacrificio de existencias preciosas de trabalhadores, assalariados, numa campanha infernal e barbara nos seus métodos, em terra e no mar?

Em cinco meses, os nossos lares, o nosso commercio, as nossas empresas estão arruinadas para, pelo menos, cincoenta annos; e se a guerra continua, as perdas de vidas e o desastre economico ferirão a nossa patria por mais dum século. Nós sabemos, por informações autenticas que recebemos, que a força é impotente para restringir os protestos ener-

gicos duma democracia indignada, de que se abusou, so-trendo neste momento de privações e acumulando as razões de queixa, e lançamos um apêlo caloroso a todos os camaradas que defendem a salvaguarda dos contratos internacionais, para que empreguem todos os seus esforços afim de esmagar e varrer para sempre da Alemanha, a dominação do militarismo prussiano, o qual, pela sua conspiração contra a humanidade, desonrou e cobriu de vergonha a nação alemã, aos olhos do mundo civilizado.»

Karl Bernstein—Jacob Mamold—Emil Gott—Conrad Schwabe—Gustave Ochs—Ernst Schuster—Franz Gaussen—Albért Zetel.

Na opinião do *Morning Post*, a «Liga Alemã Humanitaria», é uma nova organização formada certamente pelos socialistas alemães, que acabaram por conhecer a verdade. Não podendo os socialistas alemães exprimir no seu paiz as suas novas ideias sobre a guerra, não se pode saber quantas pessoas haverá já na Alemanha, que compartilham das mesmas ideias.

Termina assim Charles Albert:

O cristianismo *nada* fez para impedir a guerra, porque é uma velha força cançada, gasta, decaída do seu antigo poder. Se o socialismo, por sua parte, *não pôde fazer bastante*, é porque ao contrario, êle é uma força muito nova ainda, mas por isso toda cheia de esperanza. E eis a razão por que, na terrivel prova que se lhe abria diante, êle teve, sem hesitar, apesar das suas repugnancias, de se aliar ás velhas forças nacionais para defender o seu ideal até no olvido aparente dêsse ideal.

E' culpa nossa, no fim de contas, se o pensamento do homem se anima, se em frente da realidade é necessario ás vezes voltar atrás para consolidar o trabalho feito ou descer ás fundações para o fazer de novo?

Tarefa maldita, na verdade, tarefa ingrata, pessima tarefa.

Trabalha-se na humidade viscosa dos subterraneos, no meio do esvoaçar dos morcegos. E ha sempre aqui e ali, velhas condutas cheias de residuos imundos que o arbitro encontra e que se esboroam.

Tarefa ingrata, maldita tarefa. No entanto é preciso fazê-la. Um bom operario não a recusa nunca, porque sabe que ela lhe é necessaria para continuar a construir.

Assim, pois, — coragem, esperanza, confiança! Eis o que, antes de tudo, se deve dizer.

O sindicalista L. H., escrevendo de uma trincheira aos seus camaradas do *Comité d'Entente* das Juventudes Sindicistas do Sena, dizia-lhes em outubro, entre outras coisas, o seguinte:

Primeiro que tudo, devo expor-vos a minha situação de dignidade pessoal, isto é, as causas que me fizeram marchar para a guerra. Ei-las:

As minhas concepções sobre a guerra permanecem as mesmas, em nada fazem mudar o meu ideal; mas considero que esta guerra, por desastrosa e mortifera que seja, não é outra coisa senão o resultado do sectarismo do-

minador por banda de um partido militar alemão, que é preciso destruir e aniquilar. E isto em atenção a uma paz internacional futura.

Procurar nas massas operarias alemãs o efectivo sufficiente para deter o impeto e o furor do despotismo guerreiro, era exigir muito de massas inertes e servis, obsceadas pelo imperialismo impostor. Mas desde que é necessario sangue, desde que são precisos cadáveres para abrir os olhos a um povo e activar a sua evolução, porque hesitar?

Foi baseando-me neste raciocínio, justo me parece, que armei a minha espingarda contra o exercito alemão.

Agora creio que tenho contribuido por minha parte, para o aniquilamento da familia dos Hohenzollern e para o advento da republica germanica. Se o povo alemão viu claro, é a vez dêle actuar: eu ainda estou pronto a apoiá-lo. A politica que êle instalar será de certo mais favoravel á paz e á evolução da classe operaria, e em particular á sua acção, do que o pôde ser o seu governo.

Aqui teem as causas, as unicas que me fizeram pegar na espingarda contra êles. Espero que um dia as discutiremos juntos e que esse dia virá breve.

Karl Marx e a França

Houve dois Marx, — um amigo e outro inimigo da França?

A *Voz do Operario*, na sua «Revista Internacional», referiu-se o outro dia á contenda travada na imprensa de Par, entre reaccionários de um lado e socialistas do outro, sobre o tema que o titulo destas linhas indica. Como é natural, o redactor da *Voz* dá conta apenas do que leu na *Humanité*, para concluir que Karl Marx foi sempre um dos maiores amigos da França.

Mas o certo é que do lado socialista tambem a *Bataille Syndicaliste*, se fez ouvir, para em nome da verdade — da verdade com que havemos de vencer os nossos adversarios, — asseverar que se aquela afirmação é demonstravel, a contrária igualmente o é.

Recordando que Marx usava excomungar e ridicularizar asperamente a ideologia francesa e que a linguagem antifrancesa e anti-revolucionária era a mais conforme ao seu pensamento, ao que se podia chamar o seu pensamento constante, isto é ás suas doutrinas e ás suas teses, um dos colaboradores da *Bataille*, apoiado na correspondencia de Marx e Engels, publicada na Alemanha em 1913, dá a prova da asserção.

A *Voz* publicou o que podemos chamar o texto de Longuet; no proximo numero publicaremos nós a parte mais importante do texto de Ch. Albert.

Grupo Rebelião

Evora — Reuniu este grupo, resolvendo, entre outras coisas, adquirir quinhentos manifestos anti-eleitoraes, comprar 20 exemplares do *Germinal* de cada numero e auxiliar o jornal *A Aurora* com o producto d'uma subscrição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Alvaro José Diniz, rua Lopo Serrão, 18.

A minha carteira

Terramotos

Segundo a maior parte dos geólogos — dissertava ahi por Junho de 1909, em conferencia publica, o sr. Inocencio Camacho — os tremores de terra classificam-se, consoante a sua provavel origem, em tremores de terra vulcanicos, tremores de terra de aluimento, e tremores de terra tectonicos. Os primeiros estão intimamente relacionados com os vulcões, os segundos com os desequilibrios que se produzem no interior das camadas rudimentares, em consequencia de fenomenos de dissolução e de infiltração, e os terceiros com os movimentos que naturalmente se produzem em virtude da contracção que a terra vai experimentando, á medida que progride o seu arrefecimento.

Deve incluir-se entre os da primeira especie, o recente abalo sísmico que convulsionou o solo continental da Italia, derrubando cidades e vilas e vitimando milhares de pessoas. Em geral semelhantes abalos precedem um periodo de actividade dos vulcões. Por isso se formulou já a pergunta: a actividade vulcanica dá-se no Vesuvio ou nos Apeninos, onde existem muitos cumes de vulcões julgados extintos?

Recordação

No dia de hoje, diz assim a folha do calendario:

1912 — Contingentes de infantaria, cavalaria e artilharia formam nas imediações da Casa Sindical, de Lisboa, á rua do Seculo, intimando os grévistas que lá se encontravam — centenas de homens, dezenas de mulheres — a entregarem-se á prisão. Estes, depois de reconhecerem a impossibilidade de lutar contra os janizazos, — sem um grito, quasi sem rumor, acedem á intimação, sendo conduzidos no meio da tropa, para os navios de guerra surtos no Tejo... quando já se estava em plena festa nacional e reinava um civico regosijo em todos os corações, — na frase do *Intransigente* da epoca.

Dois dias antes, a 29, por solidariedade com os trabalhadores rurais de Evora, fôra proclamada em Lisboa a greve geral, — movimento que levou então o chefe evolucionista a perguntar apreensivo: — Supondo, por um instante, que triunfava, quem tomava conta «disto?»

Invenções modernas

Lampada de incandescencia. — Foi Edison quem primeiro encerrou em uma ampola vazia de ar um filamento de carvão, através do qual se enviava uma corrente electrica. Fez assim de cada lampada uma fonte independente de luz. O seu projecto, exposto em 1882, só foi realizado praticamente vinte e cinco anos mais tarde.

Corrente alternativa. — A transmissão da corrente continua é impossível quando a linha ultrapassa um certo comprimento, por causa do preço dos condutores e da per-

da de energia, devida á elevação de temperatura. Uma pequena transformação dos dinamos permite produzir-se uma corrente alternativa, facilmente transmissivel a distancias enormes. Esta invenção foi completada pela descoberta do transformador, que permite a utilização imediata de voltagens elevadas á iluminação, á força motriz e á tracção.

Compostos azolados. — O solo esgotado pela cultura reclama potassa, fóstoro e nitratos. Os dois primeiros acham-se á superficie do sólo, o terceiro é um producto da vida, animal ou vegetal. Dahi o seu custo. Pensou-se em tirá-lo da atmosfera terrestre passando através de uma chama: o azote alia-se ao oxigenio, atravessa um reservatorio de agua e forma acido nítrico, que se pode combinar com a potassa para a preparação do adubo.

Metodo

Esta palavra é composta de dois vocabulos gregos: *meta* — «para» ou «em» e *odos* — «caminho». Etimologicamente, pois, metodo é o caminho mais curto para chegar a certo ponto; scientificamente, é a conveniente direcção das nossas funções intellectuais para descobrirmos a verdade.

Em rigor — diz-se, ha um metodo só, o qual, porém, encerra dois processos gerais: o indutivo e o deductivo. Aquele parte de verdades simples, singulares, para um principio, uma lei geral; este pode dividir-se em dois: primario, que parte de verdades evidentes em si mesmas, e secundario, que parte de uma lei geral obtida pela indução.

Um magico.

E A BELGICA?

«A infeliz Belgica teve a grande desgraça de se encontrar no caminho dos molossos ferozes». E' neste tom, entre descuidado e profundo, de mesa de café, que amigos nossos respondem á observação contida na epigrafe e feita ao aserto de que não ha guerras defensivas.

Por vesos que sejam esses amigos á revisão das suas ideias ou opiniões — cortadas como tem suas relações com o ditado: «só não reconsidera, quem não considera» — o caso exige de novo a sua atenção.

Primeiramente ha uma correcção a fazer: o caminho, como os factos demonstraram, era apenas de um dos molossos, — do mais brutal, do mais feroz. Depois ha a atender a estas desgraças mais da *infeliz Belgica*, a estas, pelo menos: — possuir minas e portos de mar que o tal molosso cubiçava, e alem disso, uma população que, pela origem da maior parte, devia, *para seu bem*, estar unida a êle; e possuia tambem qualquer coisa que fez solidarizar o povo e o estado, torná-los unos na repulsa das propostas do mesmo molosso e na defesa comum.

Respigando

Da *Aurora* de 29-11-914:

«Achamos bem que os belgas se tenham batido e resistam ao invasor, visto que não possuem outro ideal mais elevado e completo...»

Visto que... Então se possuissem esse ideal, não se achava bem a resistencia ao invasor?

«...mas se os dois paizes ocidentaes (Inglaterra e França) são mais livres e menos aggressivos não o devem ao seu governo, ao seu Capitalismo, ás suas castas financeiras e militares, que manobram por de traz das paixões democraticas. Devem-no ás tradições liberaes e revolucionarias do povo, sempre traído e lubridado pelos seus dominadores e exploradores.»

Pois é por isto ser assim, que se deve defender a França (quem fala em defender castas?) da invasão dos que «matam e destroem tudo que encontram.» Não é bom, bem se sabe; mas é do melhorsinho que ha; defende-se portanto, para se não perder tudo.

«...e se nós, revolucionarios sociais, colaborassemos voluntariamente nesta conflagração de interesses de capitalistas, tomando partido na questão incerta de invasores e invadidos, aggressores e agredidos...»

Provavel que seja *questão incerta*, para quem está longe; mas para os de *Louvain, Dinant, Reims, Arras*, etc. etc. e etc, é uma questão certissima!

Da *Tierra y Libertad*, 11-11-914:

«Acendrado revolucionario y excelente persona es Kropotkin; pero sobre ser longevo, es ruso e sobre ser ruso, es principe; y el principado, por mui ruido que esté por el vitriolo de la revolucion, es de las cosas que imprime caracter hasta la muerte.»

Esta tirada é do tal Bonafoux, que, no dizer de Malatesta, dá lições aos que de anarquismo deviam ser mestres. E' verdade que Bakounine era russo e conde, e Malatesta é um descendente de nobres italianos... Mas provavelmente aquele atavismo é só para principes russos. *Começamos a conhecer o sr. Bonafoux*; e achamos que tem muito talento... pelo tamanho da asneira.

Amarus.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

O Trabalho — Semanario defensor das classes trabalhadoras — Publica-se em Guimarães.

O Facho — Orgão do Centro Socialista de Beja.

Aos novos colegas longa e venturosa existencia desejamos.

Recebemos um *Manifesto ao Povo* em que Maria José Bandeira, com o marido alejado e 5 filhos menores, se queixa da forma como o provedor da Assistencia procedeu retirando-lhe a maior parte do subsidio que recebia. E a proposito: se se aclarasse tudo que vae pela Assistencia?

A questão do pão

O decreto de 30 de Dezembro ultimo, sobre a venda de trigo — e a proposito digamos já que se fazem previsões de um forte aumento no preço do pão, dentro de pouco tempo — levantou barulho, que o remendo que o ministro do fomento se apressou a deitar-lhe, não conseguiu afrouxar. Com razão? sem razão? A comissão encarregada do caso pelos manipuladores de farinhas, aplaudia ha dias o ministro, dizendo que se pretendia desviar a questão do campo economico para o da luta politica. Será assim? Tambem a União dos Operarios Panificadores resolveu protestar contra quaisquer misturas de farinhas de trigo com as de outros cereais, por improprias para o fabrico e nocivas para o consumidor. Não haverá nisto exagero?

Horas de trabalho

Parece que os caixeiros não tem grande motivo para o seu jubilio. A lei fixa-lhes, é verdade, em 10 horas o tempo maximo de trabalho diario, além de 2 horas para refeições. Mas as camaras municipaes, que tem de elaborar os respectivos regulamentos, podem conceder uma tolerancia de 3 horas por dia. De modo que dez e duas, doze... e tres, quinze! Está certo.

VIDA ASSOCIATIVA

Nucleo Juventude Libertaria, — No dia 20, realizou este grupo uma sessão de propaganda sobre a carestia da vida, tencionando continuar com a campanha. Aplaudimos esta attitude, que está d'harmonia com o que prégamos no nosso ultimo numero. Que não desanimem na campanha iniciada é o que desejamos.

Para comemorar o seu primeiro aniversario, realiza-se hoje uma festa sportiva, musical e dramatica, havendo tambem sessão solene, onde usarão da palavra varios oradores do movimento libertario.

GERMINAL

encontra-se á venda nos seguintes locais:

Tabacarias: MONACO, Rocio; — SARAIVA, Travessa de S. Domingos, 4 e 6; — ARAUJO, rua da Palma, 125; — IDEAL, rua dos Correeiros; — VOUGA, Praça do Brasil; — BELTRON, rua da Escola Politecnica, 84; — FERREIRA, calçada da Estrela, 3; — PIRES, rua do Poço dos Negros, 55; — PRAZERES, Largo da Graça; — FERREIRA, rua do Paraizo; — NUNES & PINTO, Calçada da Bica do Sapato, 16 e nos **Kiosques:** de Alcantara e da Praça Rio de Janeiro.